

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

Graças a eles, da Boémia e da Morávia veio grande parcela dos manuscritos da Biblioteca Jagellónica (que, de resto, só tomou este nome na segunda parte do século passado). Na metade inicial do século xv, por ocasião dos concílios de Constança e Basileia, intelectuais polacos adquiriram manuscritos que depois doaram à Academia. Assim, a Biblioteca obteve sete preciosos códices comprados por Tomasz de Strzeplin em Basileia, doados à Biblioteca juntamente com a sua coleção de livros. Professores e alunos trouxeram também numerosos manuscritos das suas viagens a Itália (Pádua, Bolonha, Roma) e França (Paris, Lyon), depois oferecidos à Biblioteca.

A segunda metade do século xv marca um grande enriquecimento do seu património, pois foi então que adquiriu a maioria dos seus manuscritos, quase todos relacionados com o ensino universitário, de onde lhes advém a originalidade e valor.

Quando uma das Comissões de trabalho da «Société Internationale pour l'étude de la Philosophie Médiévale» se empenha em fazer um levantamento do *Aristoteles Latinus*, abrangendo os textos do Filósofo e também os de seus comentadores, e quando se verifica que as deficiências de catalogação mantêm desconhecidas ainda obras de eventual importância para a história do pensamento e da cultura da Idade Média, não são precisas muitas palavras para mostrar a relevância do presente catálogo, onde se encontram descritos códices com obras de Aristóteles, Alberto Magno, Egidio Romano, Albumasar, Boécio, Cassiodoro, Gerardo de Cremona, Miguel Scotus, Pedro de Ábano, Tomás de Aquino, para fazer uma escolha entre nomes da história da Filosofia. Deixamos de parte os gramáticos, como Alexandre de Villa Dei, os astrónomos (o Códice 613 contém 56 textos, abrindo com os *Canones Tabularum eclipsium* de Ioannes de Lineriis) os médicos, como Antonius Guainerius (*Antidotarium cum glossulis marginalibus*) etc.

Após a descrição dos códices e identificação de seu conteúdo, vem o «Index operum secundum ea quibus incipiunt verba», o «Index Personarum», o «Index codicum citatorum», o «Index chronologicus codicum descriptorum» e finalmente as «Concordantiae antiquarum topographicarum et recentiorum numeris expressarum signaturarum».

No volume próximo, já em adiantada preparação, encontraremos o Códice 726, que contém as *Quaestiones libri de anima* do nosso Pedro Hispano Portugalense, que o P. Manuel Alonso, através de microfilme leu e editou, em 1944, em Madrid. Esta edição não chegou a Cracóvia, talvez porque então as dificuldades da guerra lhe barraram o caminho. Recentemente estudámos o mesmo texto, com variantes e mais alguns parágrafos, em um manuscrito de S. Marcos de Veneza. Esperamos que a conversa havida com o subdirector da Biblioteca Jagellónica, Dr. Marian Zwiercan, debruçados ambos sobre o códice cracoviano, ajude a evitar alguns equívocos, devidos à inexistência ali da edição madrilena, de cuja introdução lhe enviámos entretanto fotocópia.

J. M. DA CRUZ PONTES

Grafia e interpunzione del Latino nel Medioevo. Seminario Internazionale. Roma, 27-29 settembre 1984. A cura di ALFONSO MAIERÙ. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1987, 224 pp. + 9 extra-textos.

Talvez quem se inicie na história da cultura medieval fique surpreendido ao deparar, entre as obras de Cassiodoro, com o *De orthographia*, que também encontrará entre as de Beda e de Alcuíno. Poderia pensar tratar-se de algum «promptuário» onde o *antiquarius* facilmente tirasse alguma dúvida surgida no decurso do trabalho no *scriptorium*. A ortografia constitui objecto importante do pequeno tratado de Cassiodoro, que nesse domínio é também uma espécie de dicionário etimológico. No prefácio explica ser seu objectivo «quemadmodum ex regulis artium humanarum salua auctoritate seniorum cuncta lectio decora nimis et correctata reddatur» (P. L., 70, 1241). No primeiro capítulo sobre a ortografia nas *Institutiones liberalium litterarum*, mais claramente diz: «Orthographia est rectitudo scribendi nullo errore uitata, quae manum componit et linguam» (P. L., 70, 1155).

Não só a exiguidade de sinais diacríticos como a forma como se apresentavam os textos, caligrafados por vezes sem intervalo entre uma palavra e outra, a *scriptio continua*, explicam porque a leitura se fazia em voz alta e dá uma razão mais ao programa de estudo do *grammaticus*, a que Varrão assinala como primeiro momento a *lectio*, a leitura em voz alta e expressiva. Santo Agostinho, no *De doctrina christiana*, refere a importância da pontuação, a fim de que a leitura seja não só elegante e correcta, mas se não torne mesmo herética, dando como exemplo o que pode acontecer na leitura errada do prólogo do Evangelho de S. João (*De doct. christ.*, III, 2, 3). Um pouco adiante refere a importância dos cuidados a ter na pronúncia: «Quaecumque autem de ambiguis distinctionibus diximus, eadem obseruanda sunt et in ambiguis pronuntiationibus» (*Ibid.*, III, 2, 6).

Aos problemas que se colocam a propósito dos textos clássicos — pois os manuscritos do mundo latino que chegaram até nós em estado conveniente não são anteriores ao século V — acrescem outros no que respeita à Idade Média. Deles se tomou consciência no tempo de Carlos Magno, pois era necessário ter em conta um diversíssimo número de falares, proveniente da fusão das formas regionais do latim (já escrito e pronunciado de modos vários) com as línguas dos povos germânicos. Alcuíno, depois de se ter retirado da corte carolíngia, dedica-se em Tours, entre 769-800, ao trabalho de adequar o ritual litúrgico ao modelo romano, para o que necessitava de um texto oficial da Vulgata. Defrontou-se com a questão que o levou a também ele elaborar o seu *De orthographia*, onde regista os critérios fundamentais da escrita e da pronúncia do latim.

A pontuação, que M. B. Parkes caracteriza distinguindo o *punctus eleuatus*, o *punctus uersus* e o *punctus interrogatiuus*, torna-se elemento tão significativo que J. Vezin, a partir do exemplo extraído de um códice do século ix, conclui poder o ponto de interrogação servir de referência para a datação e localização de manuscritos.

Complexas dificuldades são colocadas pela *polygraphia* do latim na transcrição em computador para a organização de índices e concordâncias — o que deve ser

tido em vista na realização de edições críticas. P.-M. Gils, que fez um completo inventário dos manuscritos de Tomás de Aquino, não encontrou nunca, senão em abreviatura, a adversativa *sed*, pelo que não é possível saber se ele queria escrever *sed* ou *set*.

Estas breves notas de leitura atenta cremos deixarem suficientemente justificado porque o Seminário do «Centro per il Lessico Intellettuale Europeo», sob o patrocínio da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade romana La Spienza, tomou o tema cujas Actas são o volume em apreço. Encarregou-se da sua edição o Prof. Alfonso Maierù. É um medievalista conhecido desde um trabalho de mestre, qual é o denso volume de quase setecentas páginas, *Terminologia logica della tarda scolastica* (Roma, Ed. dell'Ateneo, 1972).

Os assuntos foram tratados por investigadores experimentados no estudo de manuscritos medievais e realização de edições críticas, que são: J. Gribomont (*Les «Ortographica» de la Bible latine: éditions, manuscrits, fragments, instruments de travail*), M. B. Parkes (*The contribution of Insular Scribes of the Seventh and Eighth Centuries to the «Grammar of Legibility»*); G. Polara (*Problemi di ortografia e di interpunzione nei testi latini di età carolina*); J. Vezin (*Les divisions du texte dans les Évangiles jusqu'à l'apparition de l'imprimerie*); P. Tombeur (*De polygraphia*); F. Bertini (*Recenti edizioni di testi latini del XII secolo: esperienze e polemiche*); A.-V. Gilles (*La ponctuation dans les manuscrits liturgiques au moyen âge*); J. Hamesse (*Reportations, graphies et ponctuation*); L.-J. Bataillon (*Graphie et ponctuation chez quelques maîtres universitaires du XIII^e siècle*); G. Ouy (*Ortographe et ponctuation dans les manuscrits autographes des humanistes français des XIV^e et XV^e siècles*); R. Busa (*L'interpunzione nelle edizioni computerizzate per l'«Index Thomisticus»*).

Conforme diz o Prof. Maierù nos parágrafos de apresentação, os contributos aqui reunidos ilustram muitos aspectos da problemática em causa. Do conjunto de temas abordados emerge um articulado complexo de reflexões, perspectivas e sugestões que é de esperar possam ser estímulo para ulteriores investigações e mais sistemáticas explorações.

J. M. DA CRUZ PONTES

F. VAN STEENBERGEN, *Le Thomisme* («Que sais-je ?» N^o 587), Paris, 1983, 128 pp. e *Études Philosophiques*, Longueuil, Québec, Éd. du Prémabule, 1985, 220 pp.

A prestigiada colecção das Presses Universitaires de France, que vai já perto de atingir os dois milhares e meio de títulos, pediu em 1953 a Paul Grenet, professor do Instituto Católico de Paris, um volume sobre a filosofia de Tomás de Aquino. Trinta anos depois, desejando renovar o texto, solicitou-o ao Prof. Fernand Van Steenberghen, da Universidade de Lovaina. Teve este, assim, a satisfação de poder ser ele mesmo a realizar aquilo que durante os decénios de seu magistério, e também

fora dele, em livros e conferências, defendera ser imprescindível para que a filosofia do «Doctor Communis» tenha acolhimento em nossos dias: libertar a sua exposição dos tropeços de um latim desencorajador transpondo-a para um vernáculo corrente e límpido, e ao mesmo tempo desprendê-la das formulações didácticas da Escolástica.

A filosofia de Tomás é aqui apresentada seguindo muito de perto explicações suas, que Van Steenberghen, leitor quotidiano do Aquinate, elabora e dá em forma corrente e mesmo aliciante, repartida em cinco capítulos: As bases do saber científico; Metafísica; Filosofia da natureza; Filosofia do homem; Filosofia do agir moral. No texto em corpo maior é o próprio Tomás de Aquino que fala, enquanto em corpo menor Van Steenberghen dá as explicações indispensáveis para a sua compreensão. No capítulo final, faz um balanço de aquilo que é válido e permanente na filosofia tomista, a par da referência às condições necessárias para o modernizar na sua problemática, e nas soluções que propõe, e, por outro lado, àquilo que nele está caduco, principalmente pela vinculação à ciência do seu tempo.

A obra de Van Steenberghen vai aparecer brevemente em versão portuguesa, já nas mãos do editor. Os leitores que conhecem a elegância e clareza do mestre lovaniense através de outros livros postos em português, não precisam de mais palavras para a aguardarem com interesse.

No ano da sua jubilação, em 1974, Van Steenberghen sugeriu a reunião de artigos seus, dispersos por revistas ao longo de três decénios. Foi esse volume, *Introduction à l'Étude de la Philosophie Médiévale* que os colegas, amigos e antigos alunos lhe ofereceram na ocasião da despedida do magistério. No livro editado posteriormente no Canadá, Van Steenberghen coloca à disposição do público de além Atlântico as páginas onde desenvolve as suas posições originais, algumas das quais em controvérsia com Gilson, e outras em divergência com os mais renitentes em aceitar o resultado das suas investigações que, a partir de 1940, alteraram a perspectiva corrente sobre os problemas da filosofia do século XIII no ambiente parisiense. Abre com o capítulo «Philosophie et christianisme», acerca da existência ou não de uma filosofia em sentido estrito na Idade Média e da ilegitimidade de ser designada como «filosofia cristã». Aqui é proposta em 40 páginas a discussão de quase 90 na *Introduction*.

O segundo capítulo estuda a classificação das ciências na Idade Média e o seguinte ocupa-se de «O Criador providente do universo», objecto de uma obra acessível em tradução portuguesa, *Deus occulto. Como sabemos nós que Deus existe?»* (Lisboa, Morais, 1963). O capítulo quarto é dedicado a um tema sempre proposto à inquirição filosófica: «Conhecimento divino e liberdade humana». Seguem-se estudos sobre «A origem do mundo material», «O problema da evolução visto por um filósofo» e, finalmente, «Providência e condição humana».

Do acolhimento recebido por este livro dá-nos conta a informação que o Autor nos transmitiu de ter já saído segunda edição, acrescentada com mais alguns capítulos originais. Na mesma carta diz estar a trabalhar na refundição dos seus tratados de Epistemologia e de Ontologia para o mesmo editor canadiano, que vai reuni-los sob o título: *Philosophie fondamentale*. E trabalha na reedição de *La Philosophie au XIII^e siècle* (1966) que se esgotou há muito.

Ficamos felizes com saber tão operosos os 85 anos do mestre de Lovaina.

J. M. DA CRUZ PONTES